

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GÓTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paroquial, 20

1865



ARCHIVO

DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Monumento de S. M. a rainha a senhora D. Maria I (descripção da estampa que acompanha o presente numero).— **Architectura**, origem das diversas ordens de architectura, por J. DA C. SEQUEIRA (continuação).— **Paços dos Estãos e da Inquisição**, por I. DE VILHENA BARBOSA (continuação).— **Machado de bronze offerecido á Associação pelo sr. Mendonça**, por T. A. PEREIRA DA COSTA.— **As ruínas da igreja do Carmo de Lisboa**, pelo ABBADE DE CASTRO.— **Boletim do Trimestre**, Abril a Junho.

MONUMENTO DE S. M. A RAINHA A SENHORA D. MARIA I

O projecto de monumento de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I que acompanha o presente numero do nosso jornal, proporcionando-nos a occasião de tornar conhecida a disposição geral d'aquelle monumento, offerece-nos favoravel ensejo para nos occuparmos de um estatuário portuguez.

Sabe-se, por documento authenticico da Legação de Portugal em Roma que, no anno de 1794 por ordem do Intendente Geral da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, fôra encarregado João Gerardo de Rossi, Director então dos pensionados de Portugal de bellas artes n'aquella Côrte, de mandar executar um monumento a S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I, cuja parte architectonica o próprio de Rossi delineára, commettendo a João José d'Aguiar, então ali pensionado de Portugal, a execução dos modêlos da respectiva parte estatuaría.

Sem querermos entrar na apreciação dos motivos que levaram de Rossi a tomar a responsabilidade d'aquella importante parte do monumento, e ainda menos dos titulos pelos quaes, completamente elleio a materias d'arte, elle se achasse á testa da educação artistica dos pensionados de Portugal em Roma, unicamente faremos notar que o documento ao qual nos referimos veio completamente destruir as duvidas que, por bem fundados motivos existiam sobre a parte que o Aguiar podesse ter tomado nas esculpturas d'essa obra; podendo hoje em vista d'elle affirmar-se com verdade serem de sua mão os modêlos de todas as esculpturas pertencentes ao monumento de S. M. a Rainha a Senhora D. Maria I as quaes, depois de resgatadas ao esquecimento pela iniciativa da nossa Associação, foram por ella expostas á apreciação publica no seu museu.

São as esculpturas a que nos referimos as seguintes:

A estatua colossal da Rainha, destinada á parte culminante do monumento e além d'esta, outras quatro estatuas colossaes, porém de menor grandeza, que representam a Asia, a Africa, a Europa e a America, assim como tres baixos relevos cujos assumptos se referem a actos do reinado da mesma Augusta Senhora.

O primeiro baixo relevo allude á instituição da Casa Pia de Lisboa

137

e á edificação da Real Basilica do Coração de Jesus;—vê-se n'elle representada a figura do Intendente Manique apresentando duas creanças ao genio benefico da Rainha o qual lhes indica o edificio destinado a subtrahi-las á miseria, e na parte inferior dois escudos, n'um dos quaes está representada a frente da mencionada Basilica, e no outro o symbolo da sua invocação.

O segundo baixo relevo allude ás importantes obras navaes emprehendidas durante aquelle reinado e ao incremento dado ás sciencias, ás artes e ao commercio; manifesta-se ser esta a intenção do estatuário pelas figuras de Minerva, de Mercurio e pelo genio da navegação que se acham alli representados.

O terceiro baixo-relevo representa o brazão das armas reaes de Portugal. Estes tres baixos-relevos e uma pedra liza que tambem ainda existe, e pelas suas dimensões parece destinada para a inscripção dedicatoria, constituem a parte decorativa dos quatro lados do grande pedestal do monumento.

Em quanto á parte architectonica d'este, poucas peças já restam nas antigas officinas do Paço d'Ajuda, e essas mesmas mutiladas, o que por certo não é grande damno; por quanto, o monumento n'esta parte é sobre vulgar, completamente destituido das condições indispensaveis a um objecto de tal ordem.

Toda esta obra achava-se já concluida em Roma no anno de 1794, e quando o governo portuguez d'então extinguiu a Academia das Bellas Artes de Portugal n'aquella côrte, foi ella remettida para Lisboa com todo o espolio da Academia, cujo destino ignoramos.

Em todas as esculpturas d'este monumento se manifesta sensivelmente a influencia da escola de Canóva que o Aguiar frequentou no ultimo periodo da sua estada em Roma; escola como se sabe, cujo fim dominante era reagir pelo estudo dos modêlos da antiguidade sobre as praxes um pouco livres da escola de Bernini, então em voga, e de seus sequazes;—nem por isso reputámos exemptas de defeitos estas esculpturas, julgámos comtudo que, em toda a parte ellas poderião figurar dignamente n'um monumento publico.

Só nos resta o pezar de não podermos indicar outras obras do Aguiar de igual merito e, posto que se saiba que nos annos de

138

1792 e 1793 elle executou em Roma as estatuas de Scipião de Enéas e de Crêusa; todavia, não temos d'ellas conhecimento, nem sabemos aonde parem; em quanto ás obras que elle executou em Lisboa depois do seu regresso, no anno de 1798, ellas são de tal ordem, que nos levam a suppôr ser veridica a tradição pela qual consta, que causas moraes affectassem a sua intelligencia.

Não será fóra de proposito mencionar n'este logar que, pelo ministerio do reino foi ultimamente consultada esta Associação sobre a representação que a camara municipal de Lisboa lhe dirigiu pedindo-lhe, que mande levantar dentro do jardim da Estrella o monumento do qual acabamos de nos occupar; porém sobre este objecto por ora nada diremos, por se achar comettido o seu estudo a uma commissão especial para esse fim nomeada.

ARCHITECTURA

Origem das diversas ordens da architectura

(Vid. col. 122 do numero antecedente)

As differentes fôrmas e dimensões das arvores que se offereciam quotidianamente á vista dos homens, e das quaes elles dispunham para effectuarem as suas construcções; algumas das ditas arvores elevadas e frondosas como as faias, outras de medianas grossuras, taes como os abêtos, e as de differentes especies que é escusado enumerar agora, deveriam talvez servir de fundamento aos diversos typos e caracteres das decorações architectonicas; typos esses que, aperfeçoando-se progressivamente, e despojando-se da sua primitiva simplicidade e rudeza, se foram accomodando e empregando convenientemente, adoptando-se aos diversos usos para que os julgaram mais adequados. Esta genealogica progenitura é mais natural e verosimil, do que aquella que se lembraram de lhes attribuir alguns escriptores hyperbolicos e romanticos, que assimilharam as ordens de architectura com a robustez e virilidade dos homens, com a delicadeza e debilidade das damas, ou com a elegancia e formosura das virgens! Idéas singulares e extravagantes que nasceram, fructificaram e se diffundiram sem analyse, nos paizes em que se acreditavam as fabulas absurdas e monstruosas, ou as methamorphoses violentas e ridiculas, das creaturas humanas transformadas em disformes quadrupedes, em arvores, em peixes, e monstros sobrenaturaes!

Sobre as partes superiores dos troncos collocados verticalmente, assentavam e firmavam as traves ou vigotas horisontaes destinadas a solidar os mesmos troncos conservando-os nas competentes prumadas: d'aqui se originaram e estabeleceram os *architraves*.

Por cima dos architraves construíram-se as coberturas ou tectos dos edificios, que eram formados com differentes vigotas ou páus intervallados e dispostos em sentido perpendicular aos architraves, solidamente entalhados e pregados sobre estes. D'aqui deduziram os *frisos*: o que se observa distinctamente na ordem dorica, em a qual os tópos das mencionadas vigotas, mais altos do que largos, foram cobertos e embellezados com uma especie de tabellas de fôrma oblonga, e verticalmente—ranhaduras, ás quaes deram o nome de *triglyfos*; e os espaços ou intervallos quadrados que mediavam entre as arestas dos triglyfos e vigotas, chamavam-n'os *metópas*: n'estes logares, que eram abertos e rotos nos primitivos templos gregos, faziam collocar os sacrificadores os craneos das victimas que immolavam em holocausto a seus falsos deuses, intercalando-os com os utensilios e instrumentos dos sacrificios; objectos que ali ficavam pendentes servindo de emblematico adorno e de tropheo vanglorioso em que misturavam ás vezes os escudos e armas usadas nos combates pelos seus guerreiros. Este costume deu logar a que depois se tapassem as metópas com laminas de marmore, sobre as quaes esculpiram em baixo ou alto relevo os mencionados attributos e outros objectos esculpturaes, alguns de summa importancia e belleza, como eram por exemplo os das metópas do Parthenon, existentes hoje no museu de Londres e comprados por exorbitante preço, etc.

Finalmente, sobre as extremidades d'aquellas vigotas, assentavam

e firmavam outras igualmente inclinadas sobre as duas frentes principaes do edificio, e reunidas no centro d'elle em conveniente altura, que sendo depois cobertas e forradas com taboas, serviam de estrados inclinados para o estabelecimento dos telhados, compostos com differentes generos de telhas e coberturas destinadas a abrigar das chuvas os mesmos edificios. E como esta serie de vigotas ou varas obliquas careciam de alguma saliencia para fóra das prumadas das paredes, afim de se facilitar a prompta saída ás aguas pluviaes, evitando-se a sua introduccção nos edificios, aquella saliencia comprehendida na espessura das referidas varas, veio a constituir a chamada *cornija*, a qual servindo e funcionando de uma maneira tão util e commoda constituiu ao mesmo tempo o principal remate ou a corôa do edificio.

As extremidades das vigas mestras que serviam de *linhas* a uma especie de armaduras ou *asnas*¹ que collocavam em certos e determinados logares intervallados, sendo as ditas armaduras destinadas a sustentar o peso das ultimas coberturas, deram origem sem duvida á determinação dos pequenos corpos que se notam collocados de espaço a espaço na extensão das cornijas, os quaes se designam geralmente com os nomes de *modilhões*: os ditos corpos contribuem por certo para enriquecer e tornar mais magestosas as mesmas cornijas.

Quando guarneciam ou emmolduravam os tópos das sobreditas varas, as cornijas tornavam-se corpos distinctos, salientes, e sobrepostos aos frisos; mas se as guarnições d'aquelle corpo se abaixavam, de maneira que viessem a inclinar-se e apoiar-se sobre as partes superiores dos architraves, supprimindo d'este modo os espaços que deviam ser occupados pelos frisos, eliminando por consequencia estes; a fôrma e disposição das ditas guarnições offereciam a apparencia de entablamentos especiaes, ou de cornijas que denominavam *architravadas*, em as quaes os architraves figuram como frisos collocados immediatamente sobre os capiteis das columnas, o que se observa muitas vezes nos modernos edificios.

Das faces dos telhados igualmente inclinadas sobre as duas paredes exteriores dos edificios resultavam, nas menores paredes oppositas, dois triangulos isosceles que se denominavam, e ainda hoje se denominam *empénas*, cujas superficies lisas se tornariam assás desagradaveis, se não fossem de algum modo embellezadas, sendo necessario por isso guarnece-las e contornal-as com varias molduras, adornando os espaços interiores d'ellas, chamados *tympanos*, com alguns ornamentos apropriados e conducentes: d'esta fôrma geometrica, pois, e do engenhoso systema porque os architectos antigos entenderam que deviam preencher e adornar aquelles espaços triangulares, originaram-se naturalmente os chamados *frontões-fastigios*, ou *frontispicios* dos edificios, etc. Na Grecia cujo clima é temperado e benigno, tinham os frontões diminutas inclinações: deram-lhes maior obliquidade na Italia, aonde as chuvas são mais frequentes e copiosas; e muito maiores elevações e obliquidades lhes fixaram ainda nos paizes septentrionaes, por causa das neves e das continuas geadas que ali sobreveem nas estações invernosas. No Egypto, porém, aonde as abundantes chuvas são raras e pouco duradouras, não se adoptavam nem estabeleciam nos edificios as mencionadas empenas, sendo as coberturas de quasi todos, pouco inclinadas, ou proximalmente horisontaes.

Taes foram, em summa, os principios ou elementos rudimentaes extraídos das cabanas e dos tugurios humildes e informes que abrigaram os nossos semelhantes durante o seu primitivo estado de ignorancia, antes de disfructarem os gosos de uma bem organizada associação: d'elles resultaram por necessaria consequencia os principaes fundamentos dos embellezados generos de decoração em que se basearam as chamadas *ordens de architectura*, que tanto vieram por fim a engrandecer-se e a sublimar-se com as judiciosas combinações e conformações que lhes foram addicionando o portentoso genio e o apurado gosto dos grandes architectos dos passados secu-

¹ Não podemos aqui dar a completa definição e explicação dos differentes termos technicos de que vamos fallando; o que faremos em o vocabulario que coordenamos, para o qual temos já compilado e explicado perto de mil termos com as suas competentes derivações ou etymologias.

los, e que ainda hoje, pelas sabias e engenhosas modificações dos modernos, offerecem infinitas variações que constituem os melódiosos encantos da *musica dos olhos*, como se lhe póde chamar com bastante propriedade!...

Os sobreditos troncos verticalmente distribuidos que constituíam os principaes esteios dos edificios, collocaram-n'os provavelmente tão distanciados e separados uns dos outros, quanto bastasse para que os architraves destinados a sustentar o peso dos madeiramentos, senão tornassem fracos, em consequencia da sua demasiada extensão, faltando-lhes os indispensaveis pontos de apoio: d'aqui provém a estudada e bem proporcionada disposição, ou o gradual espaçamento dos *intercolumnios*.

Vindo porém a carecer-se por obvias razões, de *intercolumnios* mais espaçosos, a fim de poderem passar por entre os seus intervallos os objectos de grande vulto que deviam entrar e sair dos edificios, e para se tornar mais franco e livre o accesso ao grande numero de pessoas que ali deviam concorrer quotidianamente; affastaram mais as columnas, reforçando-as e ampliando-as de ambos os lados com corpos parallelepipedos, que vieram depois a denominar *pilares*, ou *pés-direitos*; adicionando-lhes superiormente dois pedaços de madeira em fórma de braços ou escoras pregados d'encontro aos architraves, para d'este modo sustentarem parte do peso superior dos madeiramentos, ampliando as forças dos mesmos architraves.

Tal foi por certo a origem das *arcadas*, e *porticos*.

Dispostos e collocados tambem os taes corpos parallelepipedos nas partes interiores dos edificios em diferentes localidades e direcções para servirem de sustentaculos aos tectos; e pregadas de encontro a elles, junto ás suas extremidades superiores, as convenientes escoras, assim vieram a estabelecer-se os elementos dos *pilares isolados*, e depois os das *abobadas*, a que os mesmos pilares serviram e servem de sustentaculo. Estas abobadas tomaram diferentes conformações e disposições, segundo a maior ou menor largura e elevação das mencionadas escoras, vindo portanto a denominar-se, conforme a sua natureza e particular curvatura: — *abobadas de berço* — *de canudo* — *de tumba* — *ogival* — *de aresta* — *de barrete de clérigo* — *cylindrica*, etc., etc. Assim como das diferentes elevações e direcções com que se escoraram exteriormente os architraves de encontro aos pilares que reforçavam os espeques, se deduziram os arcos chamados de *volta perfeita* ou *semicircular* — *de volta abatida* — *de ponto subido* — *ogivaes*, etc.

Para se subtraírem e pôrem a coberto dos rigores das intempéries, julgaram conveniente os fabricantes d'aquelles modestos edificios, tapar os vãos ou espaços abertos comprehendidos entre os esteios, deixando comtudo em certos e determinados logares as necessarias aberturas para a introdução do ar e da luz, ou para praticarem as indispensaveis serventias e o facil accesso do interior com o exterior das habitações: taes foram os elementos das *portas* e das *janellas*. D'aqui se deviam tambem originar certas decorações que costumam chamar de alto e baixo relevo, segundo as quaes as pilastras ficam sempre um pouco salientes para fóra das paredes, e parte das columnas introduzidas nas espessuras dos muros, sobresaindo-lhes tres quartas partes de seus diametros, pouco mais ou menos.

Como fechassem ás vezes os sobreditos espaços com varias peças de madeira ou de pedra, de fórma parallelepipedica e de dimensões proximamente iguaes, das quaes os lados maiores ficavam collocados no sentido horisontal, unidos uns aos outros, e dispostos de maneira, que as juntas das peças superiores se reuniam no meio das faces das inferiores, contrapondo-se assim por fiadas alternativas e symetricas, veiu a originar-se da disposição em que ficavam as mencionadas juntas, uma especie de embelezamento ou decoração para as superficies externas dos muros, á qual deram o nome de *rustico*, ampliado depois com os entalhes rectangulares, boleados, ou chanfrados que se praticam nas arestas das pedras, determinando cavidades que produzem sombras, distribuidas com igualdade no sentido horisontal e vertical, recortando aquellas superficies *comapainelados* e contribuindo para que não fiquem lisas.

Conhecendo bem assim os antigos constructores que lhes convinha resguardar as suas habitações das humidades do sólo, levantavam mais ou menos os fundamentos d'ellas, collocando-os sobre traves dispostas umas sobre as outras, ou em paredes de alvenaria, etc., fazendo d'este modo subir e elevar os pavimentos interiores: tal foi a causa de se estabelecerem e formarem os chamados *envasamentos*, ou *pedestaes*, que algumas vezes se adoptam nas construcções dos modernos edificios.

Para se abrigarem das chuvas, collocaram por cima das vergas das portas e das janellas dois pedaços de taboas salientes, inclinados e reunidos no centro, para que as aguas caindo sobre esta especie de alpendre, se deslizassem e escorressem de ambos os lados ou flancos dos portaes sem molhar as pessoas que estivessem nos vãos; d'aqui veio a suggerir-se certamente a idéa dos pequenos *frontões*, ou das cornijas com empenas que adornam hoje e tanto embelezam as portas e janellas das casas nobres.

A necessidade de estabelecerem abrigos commodos para os individuos que concorriam aos edificios, e precisavam permanecer ali por algum tempo, deve ter dado origem ao estabelecimento do *porticos* e *gallerias cobertas*, que hoje circundam e contornam os grandiosos palacios.

As escadas tiveram principio nos troncos ou ramos das arvores cortados de igual comprimento e convenientemente aparelhados, sobre postos em pranchas inclinadas, por meio dos quaes se subia e ganhava o accesso ás elevações e partes altas dos edificios apoiando-se gradualmente os pés sobre os mesmos troncos.

E os gradamentos que vedam as portas e as janellas baixas derivam-se, provavelmente, das defezas ou barreiras que atravessavam nos vãos para evitarem que os animaes os podessem transpôr penetrando nas habitações, ou que as creanças incautas saíssem d'ellas e se precipitassem, etc.

Discorrendo-se e reflexionando-se d'esta maneira e investigando-se qual fosse o principal fundamento e o appropriado fim de todos os corpos architectonicos de que hoje se compõem os grandes edificios, poder-se-ha descobrir e demonstrar a origem do mais diminuto membro e insignificante accessorio.

Foi este sem duvida o directo e natural caminho trilhado pelos Gregos, ou por quaesquer outros povos antigos (se porventura foram outros) para chegarem á creação, á descoberta e aperfeiçoamento de uma arte que teve e tem por immediato fim a necessidade, e que o luxo e a oppulencia dos homens foi pouco a pouco ampliando e enriquecendo, a ponto de transformarem a cabana mais rustica e humilde no palacio mais sumptuoso e magnifico.

Aquillo que na infancia das sociedades fizera nascer uma especie de instincto, e que fôra engendrado toscamente com os mais grosseiros e frageis materiaes, veio por fim o genio dos homens, os seus porfiosos trabalhos e engenhosa industria, a realçar e sublimar, convertendo e transformando os informes lenhos, os materiaes mais rudes e toscos em objectos preciosos, duradouros, e bem obrados!...

Temos portanto analysado e explicado em resumo a origem da nobre arte de architectura, e por consequencia a dos principaes elementos de que ella se compõe para se ostentar tão magnifica e sumptuosa nos modernos tempos.

Passaremos a tratar da sua *essencia*, qualificações, e prerogativas.

(Continúa.)

J. DA C. SEQUEIRA.

PAÇOS DOS ESTÁOS E DA INQUISICÃO

IV

(Continuação da columna 104)

Tratando simplesmente da fundação d'este edificio e das vecessidades porque passou, e indicando os diversos usos a que foi destinado, e as diferentes instituições a que serviu de séde, não é nosso proposito escrever aqui a historia da inquisição. Bastará commemorar, que este terrivel tribunal, instituido a instancias d'el-rei D. João III solicitado por seu fanatico irmão, o cardeal infante D. Henrique, foi introduzido em Lisboa no anno de 1531.

A rasão que se apresentou á curia romana, para obter do pontífice

essa funesta concessão, foi que, era necessario devassar, para se proceder ao devido castigo dos judeus que, por occasião da expulsão de seus irmãos do reino, ordenada por el-rei D. Manuel, tendo preferido ficar, recebendo o baptismo, e jurando seguir a religião de Jesus Christo, persistiam occultamente no culto judaico. Attemorisados os israelitas com uma tal instituição, voltaram-se para Roma, e lá fizeram chegar as suas representações e queixumes, por tal arte envolvidos em oiro, que alcançaram do papa a bulla de suspensão do tribunal do Santo Officio, passada em 1534, e ao mesmo tempo indulto geral.

Não approvou D. João III a clemencia do pontifice, mas o cardeal infante ainda ficou mais contrariado. Assim, movidos ambos de um fervor diabolico, a que chamavam santo, tantas e taes diligencias empregaram, que o papa, dobrando-se finalmente á vontade do monarcha portuguez, passou e expediu a bulla do estabelecimento definitivo da inquisição em Portugal, correndo o anno de 1536. Foi primeiro inquisidor geral D. frei Diogo da Silva, que exerceu este cargo até 1539, em que o renunciou para ser n'elle provido o cardeal infante D. Henrique, mais tarde rei de Portugal, por morte d'el-rei D. Sebastião, seu segundo sobrinho. Foi então que principiam as verdadeiras perseguições e cruezas da inquisição. No seguinte anno de 1540 realisou-se o primeiro auto de fé, saído dos paços da inquisição.

D'ahi por diante o antigo paço dos Estãos, transformado em lugubre prisão, foi um theatro de horrorosos tormentos para muitos milhares de infelizes, victimas não sómente do seu apego á religião judaica, que haviam bebido com o leite, mas tambem da inveja, da ambição e de outras ruins paixões, ás vezes ainda mais ignobeis, d'aquelles que os perseguiam.

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 lançou por terra aquelle edificio, confundindo-o por tal modo no pó das ruínas, que nenhum vestigio lhe deixou das fórmulas que antes tinha.

O mesmo cataclismo destruiu todos os edificios que orlavam a praça do Rocio. Assim, quando se tratou da reedificação da cidade, todas essas ruínas foram acabadas de demolir para darem logar á nova praça, mais ampla e regular, segundo a planta traçada pelo architecto Eugenio dos Santos de Carvalho.

Tendo-se feito desaparecer, para a realisação d'este projecto, o palacio que fôra do conde de Ourem, que ficava na antiga praça, do lado de este do paço da inquisição, estendeu-se este, na reedificação, sobre o terreno occupado em parte por aquelle, e em parte pela propria praça, que ahi formava um recanto.

O architecto Carlos Mardel fez o risco e dirigiu as obras do novo palacio da inquisição, cuja frontaria se compunha de tres corpos: o primeiro, e principal, em rasão de guarnecer todo o lado do norte da praça do Rocio, ficava onde agora vemos o theatro de D. Maria II; o segundo, mais recolhido, fazia frente á rua do Ouro; o terceiro, ressaltava d'este para fóra até alinhar com o primeiro, e deitava uma pequena fachada para a rua do Principe. Constavam os tres corpos de quatro pavimentos; o terreo, o nobre, segundo andar e aguas furtadas. O corpo principal tinha no centro um grande portal, com portas de ferro, entre pilastras doricadas, que iam sustentar o frontão. Sobre o portal ficava uma grande janella com larga varanda cercada de balaustrada, e sustentada por quatro cachorros com bonitos labores. O frontão tinha no tympano o escudo das armas reaes, nos acroterios dois vasos ou pyras, e no vertice a estatua colossal da Fé. Era esta estatua uma bella obra de escultura. O desenho d'ella foi feito por Joaquim Machado de Castro, o eximio escultor a quem Lisboa deve o grandioso monumento da estatua equestre d'el-rei D. José I; e a execução foi confiada aos seus discipulos, João José Elveni, Francisco Leal Garcia, Jose Joaquim Leitão e Alexandre Gomes. No pavimento terreo abriam-se de cada lado do portal sete janellas, e igual numero nos dois pavimentos superiores, aos lados da grande janella central. Em tempos muito posteriores foram algumas das janellas do pavimento terreo, da parte de este, rasgadas em portas.

O segundo corpo, que, como dissemos, era mais recolhido, tinha cinco janellas em cada um dos tres pavimentos, sem porta alguma.

No terceiro corpo havia sete janellas em cada um dos ditos pavimentos, e tambem sem portas. Estes dois corpos de edificio occupavam o terreo que ao presente é o *largo de Camões*.

A frente do corpo, que deitava para a *rua do Principe*, pegava e dava saída para um jardim, que se estendia sobre as abobadas das lojas que guarneciam a mesma rua e o angulo da do *Regedor*, sobre as quaes se levantaram em 1843 os predios que alli vemos com as frentes vestidas de azulejos. O jardim, que mais tarde foi conhecido com o nome de *jardim do Regedor*, era adornado com um pequeno lago de repucho, de marmare, no centro; com vasos e tres estatuas de marmore¹ sobre os alegretes com assentos, que caíam sobre a rua do Principe, e com um elegante pavilhão, construido de cantaria bem lavrada, com grandes janellas e portas de vidraças, o qual se erguia no angulo que fazia o mesmo jardim para as ruas do Principe e do Regedor.

Por detraz do corpo principal do palacio ficava o chamado *pateo da Inquisição*, para onde dava saída um portico que correspondia ao portal da frontaria. Apesar do nome de pateo, era um largo publico, com varias casas particulares e communicando por um beco e uma travessa com a *rua das Portas de Santo Antão*. O pateo da inquisição propriamente dito ficava nas costas dos outros corpos do palacio. Em torno d'esse pateo levantava-se a parte do edificio, onde se achavam em diferentes andares os carcereiros, e as galerias com as espreitadeiras para dentro dos mesmos. Encerrava este palacio grandes e bellas salas e uma bem ornada capella. A escada principal era magnifica.

Quasi ao mesmo tempo, que um terremoto fez ruínas do palacio do Santo Officio, um acto ousado d'el-rei D. José I, aconselhado pelo seu grande ministro, marquez de Pombal, abalou pelos fundamentos a instituição que alli tinha a sua séde. Este soberano acabou com a distincção de *christãos novos* e *christãos velhos*, distincção odiosa d'onde tinham saído tantas perseguições. Aboliu o supplicio do fogo; privou aquelle tribunal de confiscar em seu proveito os bens dos condemnados; em fim, por estas e outras disposições coarctou por tal modo o poder da inquisição, que d'ahi em diante foram diminuindo successivamente as suas perseguições.

Em troca do poder que lhe tirou, e como para lhe doirar a escada da decadencia, por onde o impellira com forte impulso, concedeu el-rei ao tribunal do Santo Officio o tratamento de magestade.

Em 1785 ataviou-se o palacio da inquisição com esplendidas galas, em obsequio tambem de um consorcio regio, como na primeira metade do seculo XVI, e approve igualmente á Providencia que o segundo enlace, que se festejava n'aquelle tenebroso edificio, fosse, embora por differente forma, não menos infeliz que o primeiro, e talvez ainda mais desditoso, porque ás discordias e odios que tornam os laços conjugues em pesadas cadeias, é muito preferivel, em nossa opinião, a morte enviada por Deus para os cortar de um só golpe.

Os nossos leitores já advinham, sem duvida, que alludimos ao casamento do infante D. João, depois rei, 6.º do nome, com a infanta de Hespanha, mais tarde rainha, D. Carlota Joaquina de Bourbon.

Tendo sido destinada, e preparada com muita grandeza, uma parte do palacio da inquisição para n'ella se hospedar o embaixador de Hespanha, o conde Fernão Nunes, que vinha expressamente representar a el-rei catholico, D. Carlos IV, na solemnidade d'aquelle real consorcio, este opulento fidalgo ostentou n'esta funcção pompa e luxo desusados. A illuminação com que adornon toda a frontaria do palacio da inquisição, em a noite de 8 de maio e seguintes do referido anno, foi tão rica e vistosa, pela variedade e belleza das decorações, e tão deslumbrante pela prodigiosa quantidade de luzes, que trocaram no Rocio a noite em dia, que por largos annos ficou esta festa memorada, e proverbial entre o povo como typo de grandeza, de formosura e bom gosto em similhantes funcções.

A regencia nomeada pelo principe regente, D. João, para governar o reino durante a ausencia da familia real, que havia partido para o Brazil, instalou-se no palacio da inquisição. E tanto havia di-

¹ Estas tres estatuas decoram actualmente o reservatorio das Amoreiras.

minuido a este tempo a auctoridade e prestigio d'este tribunal, que não obstante ser mui limitada a parte do edificio occupada pela regencia do reino, o povo começou a dar este nome ao palacio, e em breve prevaleceu ao antigo.

No dia 15 de setembro de 1820 realisou-se na praça do Rocio a revolução militar e popular, que, adherindo ao grito levantado na cidade do Porto, aos 24 de agosto antecedente, proclamou o regimen constitucional. N'esse mesmo dia se estabeleceu no *palacio da regencia* o governo provisório, eleito por aclamação popular na vizinha praça.

Aos brados triumphaes da liberdade baqueou subitamente a inquisição. A multidão, que enchia a praça do Rocio, arremeçou-se contra as portas d'este horrivel tribunal, impellida pelo desejo de salvar os infelizes que ali jazessem. Ninguém se atreveu a disputar-lhe o passo, e o povo penetrou por aquelles sombrios corredores, devassando todos os mysterios, ora recuando cheio de terror; ora descendo animoso aos medonhos carcerees subterraneos, guiado pelo mesmo pensamento generoso. Os que entravam saíam horrorisados do aspecto pavoroso dos carcerees, a que a crueldade dos inquisidores condemnou, por mais de dois seculos, a milhares de desgraçados. Todavia poucos presos ali encontraram. Um d'estes só gosou da liberdade o tempo necessario para chegar á praça do Rocio, e ali morrer nos braços de sua desolada familia.

As portas do santo officio estiveram francas ao publico por muitos dias, sendo immensa em todos elles a concorrência do povo.

Assim pois, quando a estatua da Fè, que symbolisava o santo officio, foi d'ahi a pouco apeada do logar onde campeava, o povo rompia em clamorosos applausos. A estatua foi levada para o palacio arruinado dos duques de Bragança, e quando nos fins do anno passado, ou principios d'este, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, o distincto e zeloso fundador do museu archeologico da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e a quem se deve a idéa inicial d'esta util instituição, se dirigiu aos restos d'aquelle palacio, para d'ali transportar, competentemente auctorisado, a dita estatua para o mencionado museu, achou-a completamente desfigurada, informe nas feições e na roupagem.

O incendio, que destruiu uma grande parte d'aquelle palacio em 1841, calcinou a estatua da Fè, fazendo-lhe perder todas as suas formas. Singular coincidência! O symbolo, em nome do qual tantas victimas padeceram sobre o fogo, tambem acabou pela propria acção do fogo!

Em novembro de 1820 fci o antigo palacio da inquisição, agora denominado do *Governo*, theatro, conjunctamente com a praça do Rocio, de dois acontecimentos politicos de importancia. No dia 11 d'esse mez o general Silveira, á frente da tropa da guarnição de Lisboa, reunida no Rocio, proclamou a constituição hespanhola de 1812; assenhoreou-se do governo, e estabeleceu o seu quartel general n'aquelle palacio. Era uma tentativa d'alguns generaes ambiciosos para se apoderarem do poder, e o primeiro acto, certamente, se o movimento vencesse, da futura reacção em favor do regimen absoluto. Passados apenas seis dias, na noite de 17, o povo, cheio de entusiasmo, e com grande acompanhamento d'archotes, levando nos braços Manuel Fernandes Thomaz, foi instalar de novo no *palacio do governo* o patriarcha da liberdade e os outros membros do governo provisório, expulsos pelo general Silveira no dia 11.

Finalmente, no dia 24 de abril de 1824 tambem ali se realisou um successo grave, que foi, por assim dizer, o prologo d'esse tristissimo drama, que tanto sangue portuguez fez derramar sobre o cadafalço e nos campos de batalha, em lucta fraticida. N'aquelle dia, pois, reuniu o sr. infante D. Miguel as tropas da capital no Rocio, e estabelecendo o seu quartel general no visinho palacio, d'ali mandou cercar de soldados o paço da Bemposta, em que residia el-rei D. João VI, com prohibição de entrar ou sair pessoa alguma sem ordem escripta pelo proprio punho do infante; e ao mesmo tempo fazia conduzir ao Limoeiro, ao castello de S. Jorge, á torre de S. Julião da barra, e ás prisões da praça de Peniche as pessoas mais affectas ao soberano, e os homens mais distinctos do partido liberal. Esta tentativa criminosa foi então frustrada, como é sabido, pela in-

tervenção do corpo diplomatico junto de el-rei D. João VI; e em especial pelas diligencias, resolução e energia do ministro de França, o barão Hyde Neuville, a quem depois aquelle monarcha, em testemunho da sua gratidão, creou marquez da Bemposta, titulo que ao presente desfructa seu sobrinho.

No anno de 1826 o *palacio do governo*, outr'ora da inquisição, serviu de assento á primeira camara dos pares, que houve no reino, creada pela carta constitucional outorgada aos 29 de abril d'esse mesmo anno pelo sr. D. Pedro IV.

Pouco tempo conservou a denominação de *palacio da camara dos pares*, porque os acontecimentos do primeiro quartel do anno de 1828 acabaram com esta instituição e com o systema representativo.

Achando-se, emfim, accommodadas n'este palacio, desde o anno de 1833, o tribunal e contadoria do thesouro publico, a secretaria da fazenda, a commissão do credito publico e a repartição do papel sellado, foi todo este vasto edificio consumido por um violento incendio no dia 14 de julho de 1836. Assim veio tambem a verificar-se n'este monumento a pena de Talião. Acabou de todo a sua existencia devorado pelo fogo, o edificio, onde foram condemnados tantos infelizes a perecer nas chammas.

Passados annos foi demolida uma parte do palacio incendiado para edificação de predios particulares e para a abertura do largo de Camões, e a outra parte foi vendida pelo estado á camara municipal de Lisboa, para ali erigir os novos paços do concelho. Porém este projecto não chegou a effectuar-se. Em vez do palacio municipal surgiu o theatro de D. Maria II, que fez desaparecer os derradeiros vestigios do ominoso edificio da inquisição.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MACHADO DE BRONZE

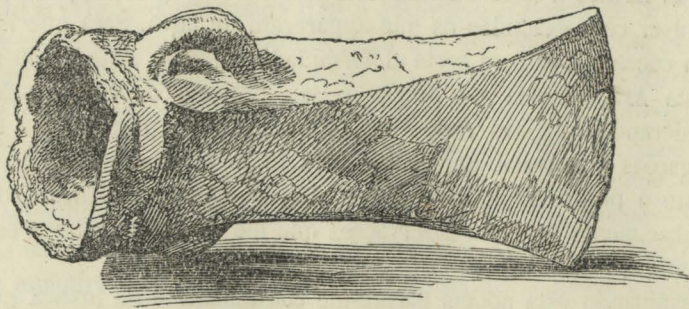
OFFERECIDO Á ASSOCIAÇÃO

PELO SR. H. E. DE MENDONÇA

No n.º 613 do *Diario de Noticias* de 25 de janeiro do corrente anno, na columna 4.ª da pagina 3.ª lê-se—que o sr. Henrique Eugenio de Mendonça, do logar da Abrigada, concelho de Alemquer, tencionava offerecer para o museu do Carmo um objecto, que havia sido achado em uma porção de terreno, que se andava arroteando na sua quinta denominada do Escoto.

Pela descripção do objecto achado, que faz parte da noticia, reconhecia-se immediatamente que era um *machado de bronze*.

Não conhecendo instrumento algum d'esta qualidade, achado no nosso paiz, fiz diligencia para o vêr e por intervenção do meu amigo o sr. José da Costa Sequeira, dignissimo membro da Associação dos Architectos Civis Portuguezes consegui tirar uma fôrma, e com ella um modelo do sobredito instrumento, que enviei para Paris a mr. Gabriel Mortillet.



A direcção do periodico que tem por titulo *Revue archeologique de France* publicou com o titulo de—*Projet de classification*—as figuras que representam os principaes typos de formas de machados de bronze: este projecto contém 22 fôrmas, designadas pelas letras do alphabeto.

O typo designado pela letra D, n'esta classificação é a fôrma predominante na França occidental, e mais particularmente na Bretanha.

nha, onde apparece em mui grande abundancia: este typo representa um machado de secção quadrada, tendo um alvado na base para encavamento, e um anel sobre um dos lados. O exemplar achado na quinta do Escoto, sendo d'este typo, affasta-se um pouco d'elle porque tem dois anneis oppostos, e apresenta um só filete, em logar de dois, abaixo e por fóra do bordo do alvado.

A descripção d'este instrumento que se acha na noticia da sua descoberta está bem feita e parece-me conveniente conservá-la — «Tem (o instrumento achado) dezeseis centímetros de comprimento em fôrma quadrada; acaba em cunha, quasi em fio cortante, aonde tem a largura de cinco a seis centímetros; a sua maior espessura do lado opposto á cunha, isto é, aonde tem um vacuo (alvado) proprio para encavar n'um vão é de seis centímetros. Tem junto a este encavadouro duas argolas (anneis) em sentido diametralmente opposto, tendo este a profundidade de oito a nove centímetros. O seu todo assemelha-se a uma aguilhada propria para lavoura em consequencia da dita cunha e ainda mais pelo seu encavadouro.» O auctor da noticia conclue perguntando — se seria algum instrumento de lavoura dos seculos passados? Póde responder-se que é um instrumento da idade do bronze d'aquelles que se chamam *machados*.

Pelo que diz respeito ao emprego dos instrumentos que têm a fôrma do typo D, tem-se-lhes contestado o emprego como machado: tem-se dito que o alvado se prolonga muito para o gume e que pouco ficava para lhe afiar o corte; esta objecção não tem valor, porque o fio era dado a estes instrumentos pela percussão do martello e não por meio de pedra: outros allegam que ha instrumentos da mesma fôrma, mas referidos ao typo E na classificação, que por serem muito pequenos, não poderiam evidentemente ser empregados como machados.

Os sabios que não admittem que fossem machados, suppõem que serviam para fixar as tendas, enterrando-os no chão com varas mettidas nos alvados e seguras por cordas passadas nos anneis.

O sr. Mortillet e com elle a maior parte dos archeologos, suppõe que os instrumentos grandes, como este de que tratamos eram verdadeiros machados e os pequenos da mesma fôrma seriam simplesmente machados votivos para substituir os verdadeiros nas ceremonias religiosas, e principalmente nas funerarias. Com effeito se fossem destinados para fixar as tendas era mais natural, como diz o sr. Mortillet que os fizessem terminando em ponta aguda e não em gume.

O machado é o instrumento mais commum e mais caracteristico da idade do bronze, e por isso conhecendo-se precisamente quaes são as fôrmas, aliás mui variadas, que elle apresenta em cada paiz, poder-se-ha marcar qual é a distribuição geographica de cada typo, e o conhecimento d'esta distribuição poderá dar indicações preciosas sobre a delimitação das populações da idade respectiva, e fazer conhecer, ao menos em parte, as relações que estas populações tiveram umas com as outras.

É portanto um valioso serviço prestado á archeologia, precisar bem as fôrmas d'estes instrumentos achados em diversos paizes, e descrever com exactidão os que apparecem de novo. Para que isto possa conseguir-se com certa uniformidade publicou a Redacção da Revista Archeologica de França o seu projecto de classificação, considerando-o apenas como um programma que propõe para investigações uniformes, appellando para todas as pessoas que teem a peito o progresso da sciencia, e declarando que acolherá com reconhecimento todas as observações que lhe forem dirigidas a este respeito.

Terminando esta noticia parece-me conveniente e de justiça que se dê o merecido louvor ao sr. Henrique Eugenio de Mendonça pela generosidade com que se houve offerecendo a um estabelecimento publico o machado de bronze que achou em uma propriedade sua, e oxalá que este exemplo, que tanto abona o espirito illustrado do offerente, seja imitado pelas pessoas que tiverem objectos d'estes, mui valiosos para a sciencia, quando se tornam conhecidos, e se collocam em condições de serem vistos e estudados, mas que ficam sem valor algum e de todo perdidos quando se retêm, ou se ven-

dem para fundir como me constou que aconteceu não ha muito tempo com um d'estes instrumentos descoberto no Alemtejo.

Lisboa 2 de agosto de 1867.

F. A. PEREIRA DA COSTA.

AS RUINAS DA IGREJA DO CARMO DE LISBOA

Para não ser estranho nas coisas de casa e peregrino na propria patria. A igreja do ex-convento da invocação de *Santa Maria do Carmo*, que pertenceu aos Religiosos Carmelitas Calçados de Lisboa, foi fundada no anno de 1389, pelo sempre grande e afamado Condestavel *D. Nuno Alvares Pereira*, em commemoração e agradecimento pela victoria de Aljubarrota, ganhada gloriosamente pelos portuguezes contra as armas de Castella, a 14 de agosto de 1385, que firmou a independencia de Portugal, e ornou de loiros a fronte de *D. Nuno Alvares Pereira*. Seu fundador lançou-lhe a primeira pedra no mez de julho, do já referido anno de 1389, e viu-lhe collocar a ultima em 1423, depois de 33 annos de trabalhos nunca interrompidos. Durante a edificação duas vezes se alluiu a capella-mór, de sorte que á terceira vez que se lhe abriram os alicerces se profundou o cavouco abaixo do nivel do Valle, onde hoje é a praça de *D. Pedro IV* (vulgo *Rocio*¹). Os seculos XIV e XV produziram a architectura ogival, isto é, a reunião e a alliança intima do systema gothico com o systema arabe, ou mourisco. A architectura ogival, que em si encerra as graças, a ligeireza, a poesia da architectura arabe, e a colossal gravidade da architectura septentrional, veio a ser por consequente do seculo XIII para o fim do XV a architectura monumental e religiosa na Europa. Da referida architectura é o templo de *Santa Maria do Carmo* de Lisboa. Tem a igreja de comprimento da porta principal até á parede da capella-mór 337 palmos e de largura 100. Era dividida em tres naves, tendo a do meio 40 palmos e as dos lados 25.

Foi sagrado este templo grandioso a 30 de agosto de 1523, por *D. Ambrosio*, bispo de *Resiona*, como declara uma inscripção gravada em letra romana restaurada, que ali se observa, ainda na pilastra, ao lado esquerdo antes de entrar a porta principal.

Da primitiva igreja, até o fatal terremoto de 1755, só restam as paredes e o frontispicio. As obras da sua reedificação, começadas pelos Religiosos Carmelitas, depois do cataclismo de 1755, distinguem-se perfeitamente pela alvura da pedra das partes que restam da fabrica primitiva, ennegrecidas pelo tempo, e estaladas pela voracidade do incendio. Os frades começaram a reedificar a igreja, mas deixaram-na em muito atraso.

A primeira fabrica recommendava-se pela pureza e severidade do estylo da architectura monumental e religiosa. Os architectos e esculptores que presidiram á sua primeira construcção foram os seguintes: *Estevão Vasques*, *Thiago de Carta*, *Gonçalo Eanes*, *João Lourenço*, *Affonso Eanes*, *Lourenço Affonso*, e *Rodrigues Eanes*.

N'este templo, que é uma das mais preciosas reliquias da antiguidade que Lisboa possui, assim como é um dos padrões da historia de Portugal, estão sepultados a duquesa de Bragança *D. Joanna de Castro*, mulher do 2.º duque *D. Fernando I* e alguns outros membros d'esta familia, os marquezes de Alegrete, *Duarte Brandão*, *Antonio Ferreira*, *D. Miguel de Almeida*, *Manuel Alvares Pegas*, *Jorge Ferrão de Evora*, *Jorge Pimentel*, *Antonio Carvalho da Costa*, *João de Guimarães* (o Alfageme de Santarem), o Cardeal *D. João da Motta e Silva*, e outras pessoas notaveis em sangue, letras, armas e amor da patria.

O fundador d'este grandioso edificio de *Santa Maria do Carmo*, n'elle veiu a terminar seus dias no 1.º de novembro do anno de 1431, depois de ter renunciado ás grandezas do mundo (resplendor falso, gloria mentirosa), e de haver repartido seus avultados bens.

Monumentos que attestaes os mais gloriosos feitos, a sabedoria, e magnanimidade dos passados, caí em terra, e com as vossas rui-

¹ *Rocio* e *Récio*, segundo *Duarte Nunes de Leão* na sua *Origem da Lingua Portuguesa*, cap. 16, tem grande differença: *Rocio* é propriamente o orvalho, e *Récio* praça ou especie de prado.

as nraememono porvir o desdenho, desatino e mesquinhez dos presentes. Templo ha ahi mandado derrubar, que por si é um livro.
 ABBADE DE CASTRO.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synope dos trabalhos da Associação dos Architectos civis Portuguezes lida na assembléa geral de 27 de julho de 1865

(Continuação)

O sr. presidente participou que a comissão mixta dos Architectos e da Sociedade Archeologica Luzitana já está funcionando com muita animação.

Resolveu-se tambem n'esta sessão que o conselho facultativo tratasse de apresentar as alterações que sejam convenientes no regulamento interno para ficar em harmonia com os nossos estatutos.

SESSÃO DE 12 DE JANEIRO DE 1865

Apresentou o sr. presidente o parecer das secções, approvando para socios os ill.^{mos} srs. Antonio Maria Couceiro da Costa, Joaquim Rodrigues Guedes, Antonio Augusto d'Aguiar; foram approvados unanimemente.

Perguntou o mesmo sr. presidente, se na sessão solemne do dia 22 d'este mez se devia fazer convites, decidiu-se que tão sómente ao presidente do Gremio Popular, por nos acharmos trabalhando na casa do referido Gremio; e que não se fizessem convites além dos socios, por estar a nossa Associação em começo.

Decidiu-se que se fizesse a aquisição do busto de S. M., do Augusto Protector da nossa Associação, El-Rei o sr. D. Fernando, para apparecer na sala na sessão solemne, sendo para isso auctorizado o sr. presidente a adquirir o referido busto, bem como a dispor tudo convenientemente para aquella sessão.

O sr. presidente disse, que tendo de ser inaugurados n'este dia os retratos dos dois architectos Ludovice, e Costa e Silva, o 1.^o auctor do edificio de Mafra, e o 2.^o do theatro de S. Carlos, propunha que se comprassem as photographias d'estes dois edificios, e se expozessem juntamente com os retratos dos seus auctores. Participou tambem o sr. presidente, que estavam escriptas as biographias dos dois architectos referidos, pelos dignos socios Abade de Castro e Vilhena Barboza, para serem lidas pelos seus auctores na mencionada sessão, e foi recebida com grande satisfação esta noticia.

Foi apresentado pelo socio P. J. F. da Costa, o definitivo trabalho da comissão, da qual era presidente, e tinha sido auctor da proposta a respeito dos estudos que deverão ter os Architectos Portuguezes; depois de lido foi unanimemente approvado, e decidiu-se que o sr. presidente o remettersse com um officio á meza da assembléa geral na sessão solemne, para n'aquella sessão ser lido e conhecido o seu contheudo.

SESSÃO DE 2 DE FEVEREIRO DE 1865

Apresentou o sr. presidente um officio do socio hononario o ex.^{mo} sr. João Carlos Infante de Sequeira Corrêa da Silva, agradecendo a sua nomeação, e pedindo desculpa de não ter assistido á sessão solemne do dia 22 de janeiro proximo passado; uma carta do ex.^{mo} sr. Miguel do Canto, na qual declarava em termos muito lisongeiros acceitar agradecido a nomeação para membro da comissão local das Bellas Artes de Lisboa; outra carta do secretario do Instituto dos Architectos Britanicos, expressando em nome do dito Instituto o mais vivo reconhecimento pela offerta do busto de Bottaca, feita pela sociedade, e revelando o alto apreço em que o Instituto tinha tão celebre architecto; leu-se um officio datado de 21 de janeiro dirigido pelo ex.^{mo} sr. Caetano Alberto Maia ao digno presidente, participando a remessa do mappa demonstrativo dos materiaes de construcção empregados nos concelhos de Borba, Villa Viçosa, Alhandra, Redondo, Estremoz; e finalmente uma carta do ex.^{mo} sr. Miguel Osorio Cabral, comunicando que existe em Coimbra pessoa competente que deseja prestar serviço á sociedade, e por isso se offerece a tirar o modelo do pulpito da igreja de Santa Cruz; deu-se conta de outro officio do socio correspondente

149

de Roure, pedindo desculpa por não ter comparecido áquella sessão, e o sr. presidente disse estar encarregado de fazer igual declaração da parte dos ex.^{mos} srs. Duque de Loulé e Miguel do Canto.

Apresentou-se uma carta do nosso socio artista Lucas José dos Santos Pereira, e Fonseca, residente na cidade do Porto, em que se congratulavam pela primeira reunião solemne que a nossa Associação havia tido. Acerca da comunicação feita pelo ex.^{mo} sr. Miguel Osorio, foi de parecer o sr. presidente que se pozesse á discussão o offerecimento feito por este ex.^{mo} socio, e a sociedade foi de parecer que se applicasse parte da quantia concedida pelo ministerio das obras publicas para o tapume da igreja do Carmo, para se mandar tirar o modelo do pulpito de Santa Cruz.

Em seguida poz-se á discussão qual devia ser o formato do nosso jornal, e decidiu-se que fosse em folio pequeno, por causa das plantas dos edificios que deve apresentar, assim como que as duas primeiras fossem o convento de Mafra, e o Erario Regio, que tinha sido projectado para o sitio da Patriarchal Queimada, actualmente Praça do Principe Real. O sr. presidente apresentou a primeira d'estas plantas na grandeza propria do formato; e o sr. Rafael da Silva Castro offereceu-se para reduzir á mesma escala a outra, do Erario, por não caber no formato.

O sr. presidente apresentou o pensamento para o frontespicio do jornal, o que depois de algumas reflexões feitas pelos srs. Valentim José Corrêa e P. José Ferreira da Costa, ficou encarregado de o passar a limpo o primeiro dos ditos srs., fazendo-lhe as convenientes alterações.

O sr. presidente declarou que o sr. Domingos Velloso offereceu as molduras douradas para os retratos dos dois Architectos inaugurados na sessão solemne.

O sr. presidente disse que o relatorio annual do Instituto Real dos Archivos Britannicos, trata em primeiro lugar das principaes construcções que se fazem presentemente no nosso paiz; assim como falla do nosso collega e socio Lucas José dos Santos Pereira, e o menciona com louvor pela acertada restauração do convento da Batalha; conforme havia informado aquelle Real Instituto.

(Continua)

P. J. FERREIRA DA COSTA—2.^o Secretario.

BOLETIM

AVISO AOS ARCHITECTOS E ENGENHEIROS—O mestrado da cathedral de Bois-le-Duc propõe-se a fazer construir tres grandes altares, para o que convida os architectos e engenheiros da Hollanda e dos outros paizes a fazerem os seus projectos. Os auctores dos tres melhores projectos (desenhos) receberão os premios de 800, 400 e 200 fr. cada um. As pessoas que desejarem concorrer poderão obter os detalhes e condições d'este concurso solicitando-os de M. Van Amelsfort, deão da cathedral, ou de M. Bolsius architecto em Bois-le-Duc.

O aviso que a este respeito vimos nao fixava época precisa para a entrega dos projectos.

CONVITE.—Lembramos que a sociedade franceza de archeologia pedio no fim do penultimo anno aos archeologos, que por intermedio do seu director mr. de Caumont que reside em Caen, lhe dissessem se ha nos seus respectivos paizes—Monumentos ou fragmentos de esculptura que possam ser considerados como pertencendo ao periodo comprehendido entre o iv e o xi seculos—Sarcophagos de marmore dos primeiros seculos do christianismo—Campas da mesma epoca, de marmore ou pedra dura, tendo inscrições ou molduras—Em que igrejas ou museus existem—E finalmente outros quaesquer objectos d'este genero que se julguem anteriores ao xi seculo.

DA REVISTA DAS OBRAS PUBLICAS de Hespanha de 15 de janeiro de 1868, pag. 23, extrahimos o seguinte:

Dezembro 21—Ministerio do Ultramar—Real ordem determinando que a Inspeção geral das Filipinas tenha a seu cargo todas as obras publicas, tanto as que são costeadas por fundos do estado, como as que se executam com fundos locais; designando a referida

150

inspecção as pessoas que hão de estudar e dirigir, tanto as obras de caminhos, canaes, portos e outras, como as construcções civis, procurando, sempre que fôr possível, confiar as primeiras aos engenheiros, e as ultimas aos architectos civis.

Quanto seria para desejar que n'esta nossa terra, se adoptasse o exemplo dos nossos visinhos!

A GALERIA VICTOR MANUEL.—Teve logar em Milão no mez de setembro do anno findo a inauguração da galeria Victor Manuel, avenida coberta, de dimensões grandiosas e d'architectura sumptuosa que uma companhia milaneza levou a cabo, com o mais pleno resultado.

O espaço occupado pelas antigas construcções situadas entre a praça da cathedral e a do theatro da Scála, acha-se hoje preenchido por quatro grupos de edificios sumptuosos e de fachadas uniformes que se estendem sobre duas avenidas as quaes, cortando-se em angulo recto, determinam, pela intersecção de seus eixos, o centro de uma praça de fórma octogonal, tendo perto de 40 metros de diametro. As avenidas têm 15 metros de largura e medem 200 aproximadamente na sua extensão; sendo todos os edificios que guardam, tanto estas como a praça octogonal, de granito e de mármore, materiaes que pelo seu valor acrescẽm á sumptuosidade da decoração aonde, entre outras, avulta a escultura de cento e quatro elegantes caryatides. A principal avenida termina nas suas extremidades por dois arcos de triumpho do mais grandioso estylo que, decorados por columnas monolithas de granito, são de um effeito surprehendente.

A sumptuosidade do local, a ligação em que este se acha com os bairros mais frequentados de Milão e a presença das mais ricas lojas d'esta cidade alli reunidas, deve attrahir uma circulação activissima de povo áquelle ponto; tanto mais que, na altura dos edificios, isto é, a vinte e tres metros acima do sólo, uma armação metalica envidraçada cobre toda a superficie occupada pelas duas avenidas e pela praça octogonal, sobresahindo n'este ultimo ponto por uma cupula de fórma hemispherica que tem 40 metros de diametro junto á sua base e, remata na sua parte culminante por uma lanterneta cuja abertura tem 10 metros e se acha collocada 50 acima do solo. Supporta esta uma plataforma de facil accesso, d'onde se pôde gozar o mais completo panorama de Milão e seus arredores.

Toda a armação metalica para a cobertura, tanto das avenidas como da praça, foi fornecida pela casa Joret de Paris e fabricada nas suas officinas de Mantataire e Benages.

Com quanto o limitado espaço d'esta secção do nosso jornal nos não permita entrarmos na apreciação e rigorosa descripção d'esta obra singular que, segundo a opinião d'alguns jornaes estrangeiros que temos á vista excede a tudo quanto n'este genero tem sido executado até hoje, todavia além do que já apontámos, diremos mais o que segue.

A totalidade da vidraça empregada na sua cobertura mede 92:000 metros de superficie, e foi toda fornecida pela manufactura de Saint-Gobain, assim como 3:000 chapas de cristal destinadas aos mostradores das lojas estabelecidas em toda a extensão da galeria.

Vinte e cinco estatuas de homens illustres italianos devidas ao cinzel de estatuarios milanezes, e além d'estas varias pinturas a fresco executadas por outros artistas italianos decoram a praça a que acima nos referimos, sendo o piso d'esta e de toda a galeria revestido de mosaicos de Veneza, executados todos nas officinas de Salviati.

Finalmente, a iluminação da galeria é feita por 2:000 bicos de gaz, cujas luzes reproduzindo-se sobre a immensa quantidade de espelhos das lojas tornam este local durante a noite, de um effeito deslumbrante.

A realisação d'esta importante obra tinha já motivado em épocas diferentes numerosos projectos sem resultado algum, até que a actual administração, tendo para o mesmo fim convidado a concurso publico os architectos de toda a Italia, entre todos os projectos por elles apresentados, foi o do distincto architecto de Bolonha M. J. Mengoni aquelle que reuniu maior numero de suffragios, ficando commettida a seu auctor a direcção da obra cuja execução foi rea-

lisada por uma companhia milaneza d'edificações que elle mesmo organisára para esse fim.

Parece mais que esta obra prende com um vasto projecto de edificações que têm em vista desaffrontar a bem conhecida cathedral de Milão de todas as construcções parasitas que a deturpam, e cercal-a de uma praça digna d'ella d'onde melhor se possa colher a totalidade do seu effeito e apreciar a magnificencia da sua decoração.

A falta d'informações sobre o custo do monumento sumptuoso do qual acabámos de nos occupar, notaremos apenas que, o numero de operarios empregados na sua execução, nunca foi inferior a 1:000, chegando esta cifra a attingir, na occasião do maior desenvolvimento dos trabalhos, o numero de 4:000. Foi assente a sua primeira pedra em 7 de maio de 1867, e abriu-se á circulação em 15 do mez de setembro ultimo, precedendo a cerimonia da inauguração que foi presidida por S. M. o Rei d'Italia.

MONUMENTO A CAMÕES.—Num dos ultimos mezes do anno findo, foi inaugurado em Lisboa com a devida pompa o monumento do immortal cantor dos Luziadas—Luiz de Camões.

Folgamos que a digna commissão, que voluntariamente assumiu a responsabilidade de tão ardua tarefa, lograsse vêr coroados os seus esforços, e aproveitando esta occasião, lhe consignamos aqui um voto de agradecimento pela realisação d'um pensamento que ha muito existia na mente de todos que presam as gloriosas tradições d'este paiz. Igualmente felicitamos o sr. Victor Bastos auctor do monumento, pelo modo com que se houve no desempenho do honroso compromisso que contrahira.

Não somos nós dos que vêem nos monumentos publicos apenas uma ostentação vaidosa, quasi uma inutilidade, antes são para nós os monumentos, não só a manifestação do estado de civilisação dos povos que os levantam, mas tambem em occasiões opportunas, um exemplo, um estimulo para as gerações presentes e futuras: são a satisfação dos brios nacionaes na prosperidade, são em fim as paginas de ouro das nações, o orgulho dos povos que se presam.

Comtudo, é notavel a indifferença que tem havido em Portugal na pratica d'estes principios que tanto ennobrecem um povo, e maravilha é, que gerações successivas tenham passado indifferentes durante seculos, sem que lhe occorresse a idéa de levarem á posteridade, por meio de monumentos publicos a memoria de tantos homens illustres nascidos n'esta terra, que por seus altos feitos, surprehenderam o mundo n'outras epochas.

Felizmente, graças á iniciativa da digna commissão do monumento de Camões, uma divida tão sagrada não permanecerá ainda por longo tempo em aberto; por quanto, na cessão d'encerramento dos trabalhos d'esta commissão, propoz o exm.^o sr. José da Silva Mendes Leal que esta se constituísse em permanencia, com o fim de emprehender um monumento collectivo aos nossos grandes navegadores e heroes das conquistas dos seculos XV e XVI.

A proposta de s. ex.^a e o empenho com que ella foi desde logo abraçada por todos os membros da digna commissão, é para nós todos uma garantia de que o amor patrio, esse poderoso movel de todas as nações, não está ainda de todo extinto entre os portuguezes; e certos de que a digna commissão, por meio de um concurso publico, proporcionará aos artistas occasião opportuna de contribuirem estes para a realisação de um tão nobre pensamento, não encareceremos sobre a utilidade e vantagens d'esse meio com relação a um objecto de tal ordem.

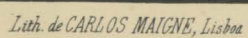
CONCURSO DO SANCTUARIO DE S. TORQUATO, EM GUIMARAES.—Teve logar no mez de Dezembro do anno findo a exposição e julgamento dos trabalhos d'este concurso, sendo tres os candidatos que se apresentaram.

Não podendo nós conformar-nos com as disposições do programma nem com o processo seguido no julgamento, só diremos a este respeito que nos consta fôra premiado em primeiro logar o projecto apresentado por um architecto francez, em segundo logar o projecto de um architecto portuguez que se acha actualmente estudando em Paris.



ANTIGO PROJECTO DE MONUMENTO
DEDICADO Á MEMORIA DE S. M. A RAINHA A S.^a D. MARIA I.

com as modificações projectadas.



Escala 0,001 por 1,000

